



Alexandre Tombini admitiu que a economia brasileira crescerá menos em 2014, mas previu uma recuperação mais à frente

Tombini nega crise e rechaça estagflação

Em depoimento no Senado, presidente do BC diz que “estamos longe dessa realidade”, rebatendo críticas de parlamentares e do FMI sobre a “fragilidade” da economia brasileira

Sonia Filgueiras
sonia.filgueiras@brasileconomico.com.br
Brasília

Nada de crise, estagflação, fragilidade. O presidente do Banco Central (BC), Alexandre Tombini, foi enfático, ontem, ao afastar essas três sombras que frequentam as análises econômicas recentes. “Estamos longe dessa realidade”, enfatizou ele, ao negar que o país esteja em um cenário de estagflação (que combina inflação alta com redução da atividade econômica e aumento do desemprego).

Tombini assumiu um tom mais forte ao responder a uma pergunta provocativa do senador Ricardo Ferraço (PMDB-ES), em audiência pública na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado. O cenário de estagflação foi apontado, por exemplo, pelo ex-presidente do Banco Central, Carlos Langoni, em entrevista ao **Brasil Econômico** em 21 de julho. Mais recente-

mente, o tema ganhou a arena eleitoral: o candidato do PSDB à Presidência, Aécio Neves, adotou a tese e declarou que o PT deixaria a estagflação “como legado”.

Em relação às afirmações de que o país atravessa uma crise, Tombini reagiu. “Mas eu pergunto: que crise é essa que nós estamos no menor nível de desemprego da economia brasileira de todos os tempos? Que crise é essa que a inflação está sob controle?”, indagou.

Em seguida, comparou o quadro inflacionário de sua gestão frente ao BC com o observado após o lançamento do Plano Real, concebido pela administração tucana. “A inflação média mensal desde o início do Plano Real era da ordem de 0,52%, 0,53% ao mês. Nos últimos 42 meses, foi de 0,51%. Estamos em linha”, apontou. “Nós também temos (ambição por taxas mais baixas), a inflação tem que ser mais baixa, mas

Segundo Tombini, o mercado internacional passa por seu momento de volatilidade mais baixa, com tensões no Leste europeu e na Argentina, um cenário que não será “eterno”

não há descontrole nenhum”, acrescentou.

O presidente do Banco Central também rebateu a avaliação do Fundo Monetário Internacional (FMI) de que a posição externa brasileira está “moderadamente fraca” em comparação ao conjunto das economias mundiais. “Nessa mesma categoria que o fundo classificou está o Canadá, está a Austrália, está o Reino Unido. Só que ninguém saiu dizendo que o Canadá e o Reino Unido estão frágeis. Estamos inclusive melhores que França, e que uma série de outros países”, declarou.

Tombini reconheceu que o processo de recuperação está mais lento que o esperado por organismos multilaterais, como o FMI. Admitiu, ainda, que a economia brasileira crescerá em 2014 menos que em 2013, com queda no ritmo do investimento e possível retração do setor industrial. Mas previu uma recuperação mais à fren-

“

Mas eu pergunto: que crise é essa que nós estamos no menor nível de desemprego da economia brasileira de todos os tempos? Que crise é essa que a inflação está sob controle?”

Nessa mesma categoria que o FMI classificou está o Canadá, está a Austrália, está o Reino Unido. Só que ninguém saiu dizendo que o Canadá e o Reino Unido estão frágeis”

Alexandre Tombini
Presidente do Banco Central

te: “Em horizonte mais amplo, uma vez vencido o atual ciclo de ajustes, o ritmo de crescimento tende a retornar para patamares mais próximos do crescimento do produto potencial (produto interno que reflete o desempenho máximo da economia sem gerar inflação)”. Ele também fez questão de apontar que o crescimento mais baixo não é exclusividade brasileira: “A revisão (das taxas de crescimento) tem sido generalizada, não é algo que diga respeito apenas ao Brasil”.

Segundo Tombini, o mercado internacional passa por seu momento de volatilidade mais baixa, um cenário, no entanto, que não será “eterno”. Dentre as incertezas, a tensão no Leste europeu e a crise argentina. Segundo ele, nos dois casos é preciso “avaliar potenciais implicações para os mercados financeiros e para os preços dos ativos”. Para ele, há no mundo um processo de transição e “normalização das condições econômicas” depois do ápice da crise, em 2008.

Após garantir que a inflação neste ano encerrará o ano dentro da meta, Tombini destacou o progresso do BC no combate à elevação dos preços e sua influência na recuperação da confiança do consumidor: “Três, quatro meses de deflação (em referência à queda dos índices no atacado). Isso diz alguma coisa. Não é por outra razão que o BC há quatro meses não sobe a taxa de juros. Houve progresso, sim, na parte da inflação”.